

[...] Antes mesmo da chegada dos brancos, a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado: dois pedaços de humanidade, oriundos da mesma criação, se juntavam, para o bem e para o mal. Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comovente, em solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista, cujo extermínio prossegue, neste exato momento, diante de nós. O xamã yanomami — cujo testemunho pode ser lido adiante — não dissocia a sina de seu povo da do restante da humanidade. Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça de ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe, a não ser que se compreenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um. Lutando desesperadamente para preservar suas crenças e ritos, o xamã yanomami pensa trabalhar para o bem de todos, inclusive seus mais cruéis inimigos. Formulada nos termos de uma metafísica que não é a nossa, essa concepção da solidariedade e da diversidade humanas, e de sua implicação mútua, impressiona pela grandeza. É emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção, como tantas outras, por nossa causa, enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende — e somos ainda muito poucos a compreendê-lo — nossa própria sobrevivência.

Claude Lévi-Strauss (1993, p. 7).

Palavras dadas

Gosto de explicar essas coisas para os brancos, para eles poderem saber.

Davi Kopenawa*

Faz muito tempo, você veio viver entre nós e falava como um fantasma.¹ Aos poucos, você foi aprendendo a imitar minha língua e a rir conosco. Nós éramos jovens, e no começo você não me conhecia. Nossos pensamentos e nossas vidas são diferentes, porque você é filho dessa outra gente, que chamamos de *napë*.² Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos. Apesar disso, você veio até mim e se tornou meu amigo. Você ficou do meu lado e, mais tarde, quis conhecer os dizeres dos *xapiri*, que na sua língua vocês chamam de espíritos.³ Então, entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós. Ficamos muito tempo sentados, falando, em minha casa, apesar das picadas das mutucas e piuns. Poucos são os brancos que escutaram nossa fala desse modo. Assim, eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que se perguntam o que pensam os habitantes da floresta. Antigamente, nossos maiores⁴ não contavam nenhuma dessas coisas, porque sabiam que os

* Turner & Kopenawa, 1991, p. 63. Entrevista de Davi Kopenawa a Terence Turner, representante da comissão especial da American Anthropological Association, formada em 1991 para investigar a situação dos Yanomami no Brasil

brancos não entendiam sua língua. Por isso minha fala será algo de novo, para aqueles que a quiserem escutar.

Mais tarde, eu disse a você: “Se quiser pegar minhas palavras, não as destrua. São as palavras de *Omama*⁵ e dos *xapiri*. Desenhe-as primeiro em peles de imagens,⁶ depois olhe sempre para elas. Você vai pensar: “*Haixopë!* É essa mesmo a história dos espíritos!”. E, mais tarde, dirá a seus filhos: “Estas palavras escritas são as de um Yanomami, que há muito tempo me contou como ele virou espírito e de que modo aprendeu a falar para defender a sua floresta”. Depois, quando essas fitas em que a sombra das minhas palavras está presa ficarem imprestáveis, não as jogue fora.⁷ Você só vai poder queimá-las quando forem muito velhas e minhas falas tiverem já há muito tempo sido tornadas desenhos que os brancos podem olhar. *Inaha t^ha?* Está bem?

Como eu, você ficou mais experiente com a idade. Você desenhou e ficou essas palavras em peles de papel, como pedi. Elas partiram, afastaram-se de mim. Agora desejo que elas se dividam e se espalhem bem longe, para serem realmente ouvidas. Eu lhes ensinei essas coisas para que você as transmita aos seus; aos seus mais anciãos, aos seus pais e sogros, aos seus irmãos e cunhados, às mulheres que você chama de esposas, aos rapazes que irão chamá-lo de sogro. Se lhes perguntarem: “Como você aprendeu essas coisas?”, você responderá: “Mori muito tempo nas casas dos Yanomami, comendo sua comida. Foi assim que, aos poucos, sua língua pegou em mim. Então, eles me confiaram suas palavras, porque lhes dói o fato de os brancos serem tão ignorantes a seu respeito”.

Os brancos não pensam muito adiante no futuro. Sempre estão preocupados demais com as coisas do momento. É por isso que eu gostaria que eles ouvissem minhas palavras através dos desenhos que você fez delas; para que penetrem em suas mentes. Gostaria que, após tê-las compreendido, dissessem a si mesmos: “Os Yanomami são gente diferente de nós, e no entanto suas palavras são retas e claras. Agora entendemos o que eles pensam. São palavras verdadeiras! A floresta deles é bela e silenciosa. Eles ali foram criados e vivem sem preocupação desde o primeiro tempo. O pensamento deles segue caminhos outros que o da mercadoria. Eles querem viver como lhes apraz. Seu costume é diferente. Não têm peles de imagens, mas conhecem os espíritos *xapiri* e seus cantos. Querem defender sua terra porque desejam continuar

vivendo nela como antigamente. Assim seja! Se eles não a protegerem, seus filhos não terão lugar para viver felizes. Vão pensar que a seus pais de fato faltava inteligência, já que só terão deixado para eles uma terra nua e queimada, impregnada de fumaças de epidemia e cortada por rios de águas sujas!”.

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri*, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos e genros de *Omama*. São as palavras dele, e as dos *xapiri*, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados as possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar xamã, a imagem de *Omama* as colocou em meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma para outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi *Omama*. São as palavras dele, vindas dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. As dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria.



Eu não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados.⁸ As palavras dos *xapiri* estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. São as palavras de *Omama*. São muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo. Desde sempre, elas vêm protegendo a floresta e seus habitantes. Agora é minha vez de possuí-las. Mais tarde, elas entrarão na mente de meus filhos e genros, e depois, na dos filhos e genros deles. Então será a vez deles de fazê-las novas. Isso vai continuar pelos tempos afora, para sempre. Dessa forma, elas jamais desaparecerão. Ficarão sempre no nosso pensamento, mesmo que os brancos joguem fora as peles de

papel deste livro em que elas estão agora desenhadas; mesmo que os missionários, que nós chamamos de “gente de *Teosi*”,⁹ não parem de dizer que são mentiras. Não poderão ser destruídas pela água ou pelo fogo. Não envelhecerão como as que ficam coladas em peles de imagens tiradas de árvores mortas. Muito tempo depois de eu já ter deixado de existir, elas continuarão tão novas e fortes como agora. São essas palavras que pedi para você fixar nesse papel, para dá-las aos brancos que quiserem conhecer seu desenho. Quem sabe assim eles finalmente darão ouvidos ao que dizem os habitantes da floresta, e começarão a pensar com mais retidão a seu respeito?

~~Eu, um Yamomani, dou a vocês, os brancos,~~
utupayasiki hÿpta+ Kahonapewamaki
ha.

*Eu, um Yamomani, dou a vocês, os brancos,
esta pele de imagem que é minha.*

9. A partir de 2009, esses programas foram incorporados às atividades do Instituto Socioambiental (<www.socioambiental.org>).

10. Há várias referências a casos de outras moças capturadas pelos Yanomami no alto curso dos afluentes da margem esquerda do rio Negro a partir de 1925 (Albert, 1985, pp. 53-6). Foi publicada, aliás, uma nova versão do relato de Helena Valero, em 1984, na Venezuela, dessa vez em seu nome, compilada por R. Agagliate e editada por E. Fuentes (Valero, 1984; ver Lizot, 1987). Nascida em 1919, Helena Valero faleceu em 2002.

11. Ver, por exemplo, Brumble, 1993.

12. Como os relatos de vocação xamânica (ver capítulo 3) ou as narrativas de itinerários migratórios (ver Albert, 2008).

palavras dadas [pp. 63-6]

1. Ter “língua de fantasma” (*aka porepë*) significa falar uma língua não yanomami, expressar-se desajeitadamente, gaguejar, emitir sons inarticulados ou ser mudo.

2. A palavra *napë* (pl. *pë*) significa “forasteiro, inimigo”.

3. Todo ente possui uma “imagem” (*utupë a*, pl. *utupa pë*) do tempo das origens, que os xamãs podem “chamar”, “fazer descer” e “fazer dançar” enquanto “espírito auxiliar” (*xapiri a*). Esses seres-imagens (“espíritos”) primordiais são descritos como humanoides minúsculos paramentados com ornamentos e pinturas corporais extremamente luminosos e coloridos. Entre os Yanomami orientais, o nome desses espíritos (pl. *xapiri pë*) designa também os xamãs (*xapiri t^hë pë*). Praticar o xamanismo é *xapirimuu*, “agir em espírito”, tornar-se xamã é *xapiripruu*, “tornar-se espírito”. O transe xamânico, consequentemente, põe em cena uma identificação do xamã com os “espíritos auxiliares” por ele convocados.

4. A expressão *pata t^hë pë* designa os líderes de facção ou de grupos locais (os “grandes homens”) ou, de modo geral, os “anciãos”.

5. *Omama* é o demiurgo da mitologia yanomami. Ver capítulo 2.

6. Os Yanomami chamam as páginas escritas e, de modo mais geral, os documentos impressos contendo ilustrações (revistas, livros, jornais) de *utupa siki* (“peles de imagens”). Para o papel, utilizam a expressão *papeo siki*, “peles de papel”. Referem-se à escrita com termos que descrevem certos motivos de sua pintura corporal: *oni* (séries de traços curtos), *turu* (conjunto de pontos grossos) e *yãikano* (sinusoides). Escrever é, assim, “desenhar traços”, “desenhar pontos” ou “desenhar sinusoides”, e a escrita, *t^hë ã oni*, é um “desenho de palavras”.

7. As gravações de onde nasceu este livro foram feitas num gravador de fitas cassete. A expressão *t^hë ã utupë*, “imagem, sombra das palavras”, refere-se à gravação sonora.

8. Os Yanomami orientais designam seus antigos por três termos genéricos: *pata t^hë pë* (os “grandes homens”, os “anciãos”), *xoae kiki* (o “conjunto dos avós”, os antepassados históricos, os maiores) e *në pata pë* (os ancestrais míticos).

9. *Teosi* vem do português “Deus”. Essa “gente de “*Teosi*” são os missionários evangélicos fundamentalistas da organização americana New Tribes Mission (ntm), que fizeram sua primeira visita ao alto rio Toototobi (*Weyahana u*) em 1958, quando Davi Kopenawa devia ter dois

ou três anos. A ntm foi fundada nos Estados Unidos, em 1942, por Paul W. Fleming, e tem sede em Sanford, Flórida; é conhecida no Brasil como Missão Novas Tribos (mntb).

devir outro

1. desenhos de escrita [pp. 69-79]

1. *Yossi* é um nome de origem hebraica, diminutivo de Yossef (Joseph). Davi Kopenawa o associa aos membros da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (cdbl) que percorreu o alto Toototobi com o spi, em 1958-9. É mais provável que seja de origem missionária: um pastor da New Tribes Mission acompanhava a primeira expedição do spi ao alto Toototobi, em junho de 1958. Acerca da aldeia de *Marakana* e dos primeiros contatos com os brancos, ver os capítulos 10 e 11.

2. A palavra *yoasi* (pl. *pě*) designa uma micose (*Pityriasis versicolor*) que provoca manchas de despigmentação (pano branco). O ciclo mítico consagrado ao demiurgo yanomami e a seu irmão apresenta invariavelmente este último como um ser colérico, lúbrico e desastrado (ver M 187, 191, 197-8).

3. Fácil de pronunciar e que não lembra nenhuma palavra yanomami. Os “nomes de branco” que a isso se prestam foneticamente são objeto de inesgotáveis deformações humorísticas, como Ivana, tornado *iwa na*, “vagina de jacaré”. Aliás, *wāaha yahatuai*, “maltratar”, ofender o nome”, equivale a “insultar”.

4. A sedimentação dos “nomes de branco” (*napě wāaha*) nas aldeias yanomami na esteira da passagem de sucessivos visitantes mereceria um estudo: nomes bíblicos, nomes de agentes da administração indigenista, de médicos e políticos locais, nomes de estados brasileiros, de estrelas do futebol ou de programas de televisão, nomes de personagens de desenho animado e até de marcas publicitárias. Considerados socialmente neutros — contanto que não se aproximem foneticamente de nenhuma palavra yanomami —, os “nomes de branco” são utilizados não apenas em situações de contato mas, cada vez mais, entre os jovens yanomami. Os apelidos tradicionais, que não podem ser pronunciados na presença de seus portadores ou de seus parentes próximos, conservam, entretanto, seu modo de circulação mais confidencial.

5. Sobre a terminologia de parentesco dos Yanomami orientais, ver Albert & Gomez, 1997, pp. 289-98. Note-se que o vocativo *ōse!* aplica-se igualmente aos irmãos e irmãs, aos filhos e inclusive aos sobrinhos e sobrinhas, quando pequenos.

6. Davi Kopenawa utilizou aqui esse termo — que não existe em yanomami — em português. Por outro lado, “tio”, “tia” e “avós” traduzem os termos de parentesco yanomami *xoae a*, *yae a*, que correspondem respectivamente às posições genealógicas “irmão da mãe”, “irmã do pai” e “avô/avó”.

7. Os Yanomami designam esses “nomes da infância” pela expressão *wāaha oxe kuowi*.

8. Além de características físicas ou comportamentais (“Pernas longas”, “cara fechada”, “Chorão”), os nomes yanomami às vezes denotam eventos associados ao nascimento (*Waikama*, nascido após um ataque de um grupo chamado Waika) ou local de nascimento (*Yokoto*, que significa “lago”).